

Chiquita

Vítor Quelhas

Obra maior de um dos melhores escritores cubanos da actualidade.

A contrario do que acontece com a quase totalidade da literatura portuguesa contemporânea, os escritores latino-americanos, quando são bons –o que não é raro– têm grandes histórias para contar, e quando as contam fazem-no com garra e excelencia literárias. Por isso mesmo são lidos e traduzidos e brilham num mercado global cada vez mais exigente e pouco disposto a premiar a escrita mediocre.

É neste contexto de exigencia literaria que [Chiquita](#) surge como uma boa historia e um grande romance acerca de uma pequena mulher de 65 cm de altura, a liliputiana Espiridiona Cenda, nascida em Cuba, nos finais do século XIX. É ela o epicentro da obra do cubano Antonio Orlando Rodríguez. Uma quase desconhecida na su aterra natal (porque viveu até aos 26 anos dentro de casa e longe da vista de todos, como alguém que envergonhava a familia), um dia decide deixar a ilha, e partir para os EUA. Ali fica famosa como bailarina e cantora de variedades, no despontar do século XX, tornando-se uma das artistas mais bem pagas do mundo do espectáculo, deambulando por teatros, circos e feiras, numa época em que as “curiosidades” humanas, muitas delas exibidas como aberrações, alimentavam o imaginario do estranho e do monstruoso e exerciam um mórbido fascino sobre as multidões.

Chiquita, personagem histórica e literaria, e também o retrato da vida e das peripecias de uma época, revelando-se como uma criatura perspicaz, encantadora e cruel, mulher de amores arrebatados, senhora de um poder mágico talismânico e testemunha de obscuras intrigas palacianas. Graças ao talento narrativo do autor cubano, ela regressa à vida, através de uma escrita elegante, com humor e forte sabor de aventura, num romance exemplar, talhado para se tornar referencia (venceu o premio Alfaguara 2008) e ser objecto prazeiroso de leitura. Rodríguez é jornalista e vive exilado nos EUA. Trocou, diz, os constrangimentos e benesses da ilha de Castro pela libertad criativa, porque quando tomam decisões por nós, “nunca se é adulto”. E não é fácil ser adulto na literatura.

Publicado en el periódico *Expreso*, Lisboa, 25 de abril de 2009, pp. 41.